

Francisco Salgueiro

O Fim da Inocência

Diário Secreto
de Uma Adolescente Portuguesa

OPICINA
DO LIVRO

Este livro esteve quase para não ser publicado. O conceito e o conteúdo são de tal maneira polémicos que foram necessários muitos meses de negociação para estar hoje nas vossas mãos.

A minha querida editora Maria João Lourenço, da Oficina do Livro, acreditou nele e batalhou de forma incansável. Muito obrigado.

Faço, ainda, uma menção à LeYa, que, após tomar contacto com o manuscrito, mostrou um grande entusiasmo.

NOTA ESCRITA PELA PESSOA
CUJA VIDA É RETRATADA NESTE LIVRO

Hoje em dia os pais têm pouca ideia daquilo que realmente se passa com os filhos.

Julgam que as suas adolescências são iguais às que tiveram, e deixam-nos à solta. Acontece que a realidade actual é muitíssimo diferente daquilo que eu oiço dizer que era nos anos setenta, oitenta e noventa.

É uma realidade em que o sexo e as drogas fazem parte do dia-a-dia.

Se estiver a ler estas linhas e disser: «Com o meu filho isso não acontece, porque é bom aluno e não o educo para se meter nessas coisas», talvez não seja má ideia ler o livro até ao fim. Eu também era boa aluna e os meus pais não me educaram para me meter «nessas coisas».

A primeira vez que li um livro do Francisco Salgueiro devia ter os meus dez anos. Foi o *Homens Há Muitos*. Havia algo de fático na capa com a fotografia das cenouras que chamou a minha atenção. Eu sei que pensar em objectos fáticos aos dez anos pode parecer um pouco precoce. Se calhar para quem nasceu antes de 1990. Porque todas nós, que nascemos após essa data, falamos de sexo desde os dez anos.

Continuei a ler os livros do Francisco e sempre tive a ideia de que ele seria uma pessoa a quem eu gostaria de contar a minha história. Uma história real e chocante. Infelizmente, não uma história única, porque à minha volta vi acontecer outras muito parecidas.

Este livro é um alerta aos pais, para que estejam mais atentos ao que se passa nas suas casas.

Só vocês podem prevenir, para que não aconteça aquilo que vão ler a seguir.

Inês

NOTA DO AUTOR

Ao longo de toda a minha vida profissional fui estando muito atento às diferentes gerações de adolescentes que foram surgindo. Escrevia para programas de televisão e *sites* para esse público-alvo, e achava que sabia tudo sobre eles.

Confesso que a minha visão mudou totalmente ao conhecer a Inês. Nessa altura percebi que apenas sabia aquilo que eles queriam que eu soubesse.

A Inês deu-me a conhecer o que se passa com os adolescentes portugueses da primeira década do século 21, assim que fecham a porta de casa e chegam à rua. E o que ela contou deixou-me chocado.

Comecei a contactar com a Inês depois de ela me ter enviado um *e-mail* a dizer que gostava muito de ler os meus livros. Foi mais um entre os inúmeros que recebo. Respondi, como faço sempre, só que a Inês continuou a escrever-me.

Em cada novo *e-mail* contava-me um aspecto diferente da sua vida. Em cada mensagem, uma história mais chocante do que a anterior. Imaginei que tudo não passasse de fantasias de uma adolescente.

Até que numa noite ela encontrou-me numa discoteca, onde estava com uns amigos, e veio apresentar-se. Aí percebi que as histórias que me contava eram verdadeiras. E sendo verdade, tudo aquilo representava um choque enorme.

Fui estando com a Inês e com os amigos, recolhendo histórias e depoimentos. A primeira ideia era escrever um artigo, mas depois percebi que tinha de ser mais do que isso.

Precisava de escrever um livro. Um aviso para os pais, que julgam saber o que os filhos fazem quando não estão em casa.

Quero fazer um agradecimento muito especial à Inês, à Rita, à Mónica, à Femke, ao Bernardo, ao Pedro e ao Henrique, que aparecem neste livro, por me terem confiado as histórias reais que aqui são contadas e por me terem deixado publicá-las.

Os nomes são fictícios a fim de proteger as suas identidades. Por questões legais, todos os lugares e nomes de personagens secundárias foram alterados ou omitidos.

Francisco Salgueiro

1

Sento-me aos pés da cama. No ar há um intenso cheiro a sexo. Atrás de mim, um homem de quarenta e cinco anos que acabei de foder. Olho para o espelho e pergunto-me que idade terei realmente. Sinto-me com quarenta, mas no meu cartão de cidadão está marcado dezassete.

Imagino o que os meus pais dirão se souberem o que realmente se tem passado na minha vida. Para eles, eu ainda sou a menina perfeita, pura e virgem. Quando pensam no meu futuro, vêem-me a caminho do altar e de um casamento com trezentos convidados.

Perdi a virgindade aos catorze. Era velha quando isso aconteceu. Pelo menos, comparando com a maior parte das minhas amigas. Desde os doze que elas gozavam comigo por ainda não ter ido para a cama com um rapaz, tal como já haviam feito.

Talvez nessa altura ainda estivessem bem presentes na minha memória todas as histórias que ouvia na minha família sobre o que era suposto fazer-se aos doze anos. Segundo a minha mãe, e tal como seria natural em todas as gerações, nessa idade ela brincava com bonecas. Mas aos doze eu comecei a ver as minhas amigas brincar com pilas. Essa era a conversa que mais vezes tínhamos nos intervalos das aulas.

Aos catorze perdi a virgindade, e aí senti que fazia parte do clube, que naquela altura já nem era assim tão restrito. Tinha conquistado um novo prazer. Um prazer demasiado viciante para ser desperdiçado e apenas usufruído quando fosse mais velha.

Um dos nossos passatempos favoritos era olharmos para as professoras e darmos-lhes notas. A escala era de um a dez. A nota um para quem não ia para a cama há muito tempo. A dez para quem tinha mandado uma queca na noite anterior. A meio das aulas trocávamos papéis com as notas; muitas vezes éramos apanhadas, mas apenas tinham números. As professoras ficavam com uma cara muito surpreendida. Obviamente que não sabiam o que aquilo significava. Nós desatávamo-nos a rir.

Normalmente a melhor nota que lhes dávamos era um três. Nunca demos um dez a ninguém. As nossas professoras pareciam sempre tão stressadas que nenhum homem queria estar com elas. Ao contrário de nós, para quem estava sempre tudo bem. Por isso, começámos a ter rapazes e, sobretudo, homens atrás de nós. Homens com trinta e até quarenta anos. Se calhar muitos até eram os maridos ou namorados das professoras, que não os satisfaziam.

Eles, se sabiam a nossa idade, não se importavam. Mas o mais certo era não se aperceberem. Quando íamos a discotecas, produzíamos-nos tanto que parecíamos ter dezanove anos. Ao fim de segundos estávamos rodeadas por homens, muitos com idade para serem nossos pais.

Vejo a minha cara no espelho. Estou tão passada com a coca que acabei de snifar que não consigo perceber se tenho nojo ou pena de mim. Batem à porta. Não tenho tempo para responder, porque é aberta de imediato. É a Rita, a minha melhor amiga. Também tem dezassete anos.

– Vem – diz-me, enquanto dá uma passa no charro que tem entre os dedos. – Estamos todos à tua espera para jogar.

Com a nossa idade isso pode significar querer que vá jogar com eles às cartas ou com a *PlayStation*. Mas não. No andar de baixo, está prestes a começar uma *rainbow party*, uma festa em que vários homens vão ficar com as pilas pintadas de várias cores.

Porque estou aqui nua com um estranho? Porque me sentirei tão só?

Tudo começou esta manhã, quando o alarme tocou às dez. Senti-me com falta de pachorra para ir às aulas. Queria ficar a dormir, pelo menos, dois dias de seguida. A noite fora passada com o homem de quem eu gosto.

Os meus pais estão no estrangeiro há vários dias, e em minha casa apenas se encontrava a nossa empregada. A minha irmã, Mafalda, mais velha um ano, tinha aproveitado a ausência deles para ir dormir a casa do namorado.

Quando o alarme tocou, não me apeteceu levantar. Coloquei-o no *snooze* várias vezes. À quarta vez, tomei oficialmente a decisão de me baldar.

Uns segundos depois senti vários toques na porta. Era a empregada. A Cesária. Uma cabo-verdiana que os meus pais trouxeram daquele país há uns dois anos e tal.

Os meus pais trabalham na área do imobiliário. Quero dizer, os meus pais, não. A minha mãe e o meu padrasto. Ele tem uma agência de imobiliário. Sempre morou em Cascais, sempre teve dinheiro de família e ficou com as várias lojas que herdou do pai. Ele trata da maior parte das vendas mais caras na zona de Cascais, Quinta da Marinha, Gandarinha e Quinta Patiño.

Quanto à minha mãe, sempre se habituou a não fazer nada. O meu pai tinha uma empresa de construção civil. Segundo diziam, era um dos homens mais requisitados em Cascais nos anos oitenta. Isso é a história que contam. Eu não sei, porque nunca o conheci realmente. Quando eu tinha três anos, ele morreu num acidente de carro na marginal. Naquele tempo, a marginal era a estrada mais perigosa da capital. Uma noite, depois de um jantar em Lisboa, os dois iam buscar-nos a casa da minha avó. Após uma intensa chuva, a estrada estava toda molhada e um carro que vinha na direcção contrária perdeu o controlo e chocou de frente com eles.

Na viatura iam uns miúdos bêbedos. Estavam a fazer uma corrida com um carro que seguia mesmo atrás deles. O meu pai teve morte imediata. A minha mãe ficou uns dias em coma, mas resistiu.

A minha mãe sempre se habituara a viver bem. O meu pai ganhava muito dinheiro. Com a morte dele, porém, a empresa desagregou-se e em pouco tempo faliu. A minha mãe ficou sem dinheiro vivo todos os meses.

Como tinham bastantes reservas no banco, numas contas na Suíça e em *offshores*, a minha mãe não deixou de levar o estilo de vida a que estava acostumada. O dinheiro foi desaparecendo, e só quando o contabilista lhe disse que, se continuasse a gastar daquela maneira, iria ficar rapidamente sem nada é que ela percebeu que tinha de fazer alguma coisa.

Na vida de uma pessoa normal o primeiro passo seria começar a trabalhar. Só que ela tinha apenas o décimo segundo ano. Sempre achara que iria ter a vida de sonho com o meu pai e não precisava de um curso superior. O que veio a acontecer. No entanto, esqueceu-se que no conto perfeito pode haver azares.

Nessa altura decidiu começar à procura de outro marido. A minha mãe sempre fora uma das mulheres mais bonitas de Cascais. Nos anos oitenta também era das mais concorridas, e apesar de na época não haver a quantidade de revistas que hoje se veêm, nas poucas crónicas sociais que existiam, ela aparecia quase sempre. Ela e o meu pai eram considerados um casal perfeito.

Eu e a minha irmã tivemos a sorte de, fisicamente falando, ficar com o melhor dos dois.

Voltando à minha mãe. Ela recomeçou a sair socialmente para encontrar o marido seguinte. Dois anos depois da morte do meu pai, quando eu já tinha cinco anos, casou-se com o Fernando. Ele era rico, tinha bom ar («apesar de não ser tão bonito como o seu pai», segundo me dizem as amigas da minha mãe) e podia dar-lhe o estilo de vida a que sempre se tinha habituado.

Entretanto, eu e a minha irmã estávamos entregues a várias pessoas da família. Alternávamos entre a casa da minha avó materna, e as de tias e tios de sangue e por afinidade.

Tudo isto são coisas que me contaram. Obviamente que com cinco anos não sabia nada disto. Se soubesse, seria um génio, e neste momento não me encontraria sentada aos pés da cama com um homem de quarenta e cinco anos. Provavelmente estaria na NASA a projectar uma nave espacial que nos levasse a Marte.

2

Apesar de a Cesária ter batido na porta várias vezes, não me levantei.

De vez em quando ia olhando para o relógio e via os minutos a passar. Pensava nos meus amigos no colégio, a apanhar gigantescas secas dos professores, mesmo sendo o último dia de aulas.

Eu andava num dos colégios mais caros da zona da Linha. Um colégio internacional, onde se fala inglês, e onde estudam todos os filhos de embaixadores e de presidentes de multinacionais. É um colégio onde aparentemente todas as pessoas que o frequentam devem ser um exemplo em comportamento. Não sei bem quem terá inventado que ter dinheiro é sinal de possuir filhos sem esqueletos no armário. Mas já lá vou.

Deitada na cama, a olhar para o relógio, não deixava de pensar nas aulas que estava a perder, mas sobretudo na aula que decorria naquele momento. A aula onde o professor era o Mr. *****, que eu já tinha apanhado várias vezes a olhar para as minhas mamas. As minhas mamas são perfeitas. Pelo menos é o que as pessoas com quem vou para a cama costumam dizer. Para mim são grandes demais. São um empecilho, pesam muito. Mas os homens ficam hipnotizados. E o Mr. ***** não era excepção, tendo-o eu apanhado a olhar para elas várias vezes.

Quando contei isso às minhas amigas, decidimos envergonhá-lo. Passámos a ir para as aulas dele com dois botões da camisa da farda do colégio desabotoados. Ele olhava para as minhas mamas como se estivesse a olhar para o Sol. Os olhos estavam continuamente a

focar-se nelas, mas ao fim de um segundo lembrava-se que era professor e desviava de imediato o olhar. O problema é que quase todas nós estávamos assim e, por isso, para metade da sala onde olhasse, via camisas desapertadas, com maminhas bastante visíveis.

Ele sabia que não podia dizer nada à direcção do colégio, porque ninguém iria dar-lhe razão, em como nós é que o provocávamos. Afinal de contas, no corredor, as camisas estavam sempre compostas. Sabíamos disso e picávamo-lo o mais possível.

Sempre que a aula acabava íamos lá para fora fazer apostas. Por exemplo, apostávamos em qual de nós estaria ele a pensar enquanto se masturbava nessa noite. A maior parte das vezes seria eu a visada, porque era para mim que ele mais olhava. Frequentemente, à noite, antes de adormecer, imaginava-o a pensar em mim e a bater uma. Sentia-me enojada.

Lembrei-me que assim que me levantasse teria de ligar para o colégio e dizer que nesse dia não iria às aulas, fingindo ser a minha mãe. O que não era difícil porque a nossa voz é muito parecida. Já tinha feito isso antes.

Primeiro, tinha começado a usar essa técnica como arma de sobrevivência, devido às constantes ausências dela. Desde que casara com o Fernando, a quem aos poucos comecei a chamar pai, um dos seus principais *hobbies* era viajar. Apesar de, por vezes, mostrar algumas casas a clientes muito importantes, ela precisava de ter novas histórias para contar às amigas. Precisava de mostrar as fotografias dos hotéis de cinco estrelas onde tinha estado e falar sobre a comida dos melhores restaurantes aonde tinha ido. Por tudo isso, as viagens tornaram-se frequentes.

Porém, ao contrário do que acontecia quando éramos pequenas, já não havia muitos familiares dispostos a ficar connosco. A minha avó morreu quando eu tinha sete anos, as tias e os tios já tinham problemas suficientes com os meus primos, e as tias por afinidade, comecei eu na altura a perceber, eram como a migração das aves: iam e vinham conforme as épocas do ano.

Como tal, ficávamos em casa com as empregadas que existiam na altura.

Apesar de a nossa mãe não ser uma figura muito presente, sentimos que, se isso passasse a acontecer, perderíamos a liberdade a que nos estávamos a habituar. Assim, eu e a minha irmã começámos a arranjar mecanismos para que ninguém percebesse que ficávamos sós. Imitar a voz dela ao telefone para justificar as faltas foi um deles.

Às vezes dava-me gozo perder uns minutos a pensar numa boa história para justificar a minha falta. Dizer que estava doente tinha sido utilizada apenas nos primeiros tempos, mas ultimamente gostava de coisas em grande. Do género: o meu padrasto ia ser condecorado pelo Presidente da República e nós íamos com a família ao Palácio de Belém.

Foi quando estava a pensar em tudo isto que bateram de novo à porta do meu quarto.

Sabia que não era a Cesária. Ela apenas nos avisava uma vez das nossas obrigações, para ficar de consciência tranquila. Pelo tipo de toque, percebi que devia ser a Rita, a minha melhor amiga. A única rapariga que me tinha dado um orgasmo superior ao proporcionado por qualquer homem.